

Contos e Poemas Sobre o **Futuro** Volume XI



Ademir Pascale
Organizador



Selo Conexão
Literatura

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-02-36603-5
2026
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

O MUSEU DO AMANHÃ, POR ALEXANDRE MONTEIRO, PÁG. 05
AS MEMÓRIAS DO DESERTO DE MAAD, POR ENRICO MIRANDA, PÁG. 07
RUMO AO MAR, POR FEITICEIRO D'ALEMAR (FLAVIO JOPPERT), PÁG. 11
DELÍRIOS DE UM BONDENAUTA NO "BALÃO DO BONDE" (SÃO CARLOS - SP), POR
MARCO ANTONIO LEITE BRANDÃO, PÁG. 15
UM LOG NO VÁCUO DO TEMPO, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 20
A DIREÇÃO DA VIDA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 23
PARA ONDE VAMOS?, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 25
O 7º MILÊNIO, POR SHEILA SACKS, PÁG. 27
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 32

The background of the cover features a light gray, stylized illustration of a futuristic cityscape with various skyscrapers and a flying car in the upper right corner. Thin, circuit-like lines are scattered across the background, adding to the technological theme.

Contos e Poemas
Sobre o
Futuro
Volume XI

APRESENTAMOS

O MUSEU DO AMANHÃ

POR ALEXANDRE MONTEIRO

A escrita poética de Alexandre Monteiro (Rio de Janeiro - 1970) denuncia seus múltiplos interesses e formações. É mestre em Sociologia Política (IUPERJ); arquiteto graduado pela UFRJ; artista visual; especialista em História da Arte pela UCAM (RJ) e professor do curso de graduação em Design da UCAM (RJ).



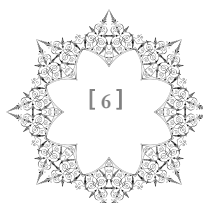
E surge do nada,
De dentro das águas,
No meio da praça, o
Museu do amanhã.

Seu branco esqueleto,
Mais fóssil, que nave,
Molares expostos,
Revela um futuro.

De lindas imagens
De cacos formadas,
Tão bem contornadas
Que cacos parecem.

De espaços bem limpos,
Para homens sem bosta,
Espaços sem bosta,
Sem homens, sem nada.

E volta em seu rumo,
Pro fundo das águas,
Fugindo da praça, o
Museu do amanhã.



APRESENTAMOS

AS MEMÓRIAS DO DESERTO DE MAAD

POR ENRICO MIRANDA

Enrico Miranda, residente em Santo André, SP, é formado em Letras – com ênfase em Literatura e Língua Inglesas –, tradutor e revisor de textos em diversas editoras. É também autor de quatro contos publicados: “A Janela de Hølsen” e “Sagittarius”, pelo Coletivo Aspas Duplas, respectivamente nas coletâneas: Crimes (Extra)Ordinários e Alô, Alô Marciano; e, pelo Selo Off Flip: “A Carta de Dæmerus”, na antologia Terra, pelo qual recebeu destaque, e “As Lágrimas do Tridente”, conto vencedor da antologia Guerra e Paz.



Estranha é a forma como todo deserto em minha frente, agora, caminha em seu próprio território: pequenos grãos de areia que serpenteiam a superfície com delicadeza, mesmo que ásperos e rústicos, camada após camada, o vento moldando dunas, colunas e bancos, montes e montanhas. É como uma malha de grande delicadeza sempre em movimento, de um lado ao outro, daqui para lá, de cá a acolá; assim são o universo e as visões e percepções que agora me assombram os dias e as noites.

Como o sopro das brisas pode levar o grão da areia para longe do deserto, alimentar terrenos longínquos e desconhecidos em extrema discrição, a minha presciência, meu dom e igualmente a minha sina, pode levar os possíveis futuros para direções extremamente aleatórias, felizes e doloridas – até mesmo para direções impossíveis de ocorrerem no atual presente... estão lá todos eles, alguns guardados e já sem brilho, atrofiados e mortos, mas ainda presentes no fundo de um baú que parece não ter fundo.

A Humanidade do Universo Conhecido, meu povo, ainda grita pelas manhãs as canções de nossa grande vitória – sem mais Scarros vivos ou Tervíngios no poder; o *tronbellium* agora em nossas mãos; sem estratégias ou embates, mas paz – quando o nascer do sol sarapinta nossas câmaras e cômodos por entre cortinas e mosaicos. “Profeta! Profeta! Maad!”, gritam as crianças quando apareço nas varandas do palácio, ou quando caminho pelas ruas próximas, as mais seguras, do centro de meu poder: o planeta de Maad. *Não sou profeta algum*, essa é a verdade, *mas apenas um libertador*, acredito. *O Profeta ainda está por vir*. Eu quebrei o ciclo de poder, verdade, as correntes e amarras de nossa sociedade foram terminadas de uma vez, o câncer eliminado de planeta em planeta e, depois, em ainda mais planetas, de todos nós, de toda a Humanidade!

A Visão, então, deixa-me explorar passados longínquos de todos, da Humanidade, e passados também mais recentes. A vida para mim, agora, ganhou extensões que nenhum outro corpo “humano” presenciou ou suportou anteriormente... a vida é inacabável, posso explorá-la indolor, alegre e cheia de rasuras, ranhuras, feridas e cicatrizes falsas. Um esboço ou uma tábula branca na qual posso me agarrar e escrever, ou, então, largar de um dia para o outro quando me cansar.

Mesmo com esse tanto, com todas as vidas da Humanidade em apenas um, apenas aqui, em mim, comigo, porém, a solidão me acomete como uma chaga fatal.

As visões de futuro me atormentam durante toda noite! Caminhos estreitos e escondidos que devo ou não devo seguir; um labirinto que eu exploro com medo de errar, cair ou encontrar um paredão sem passagem; caminhos que os humanos do Universo Conhecido e os de dentro de meu círculo próximo esperam que, assim, eu siga, que assim os guie e os direcione seguramente por entre as infinitas possibilidades de trajeto. Encontro-me, então, com uma pergunta presa em meu pensar, enroscada nas linhas de meu cérebro. *É justo o peso de tamanho dom? Mas... é natural tamanha dádiva, se assim a podemos chamar?* As responsabilidades de tamanho dom são igualmente proporcionais à vantagem de tê-lo para si – no final, o resultado sempre é e será uma desvantagem.

E, assim, é a memória que afeta o meu ser ainda mais... é a memória do que passou e se foi, que existiu e acabou, e, também, a que não existiu nem por um segundo de tempo sequer...

Sentado acima de dunas fofas e muito quentes, esturricantes, sozinho no meio do deserto de Maad, longe do povo que agora mora no planeta central de poder do Universo Conhecido, longe de todos os problemas e todos os deveres de minha posição como Konungr-Máximo da Humanidade, longe dos problemas internos dos planetas e da distribuição de *tronbellium*, ou ainda mais: longe dos deveres como “o profeta do futuro”, eu e a minha Visão temos um embate nostálgico e muito pesaroso, uma conversa igual de doentes onde a doença, verdadeiramente, é terminal: lembro-me da Madre, de sua barriga e de um filho que não nasceu... ambos mortos... mas, lembro-me também de nós idosos, juntos, e o meu filho já velho, já um homem adulto responsável e que sempre vinha a sua casa, dia sim e dia não, para visitar seus pais; lembro-me de Eulalia aceitando nossa aliança, os colossais degraus e a minha vitória sobre os Tervíngios, e lembro-me de nossa família unida e sorridente, brincando em uma clareira ou em um campo de verdejantes matos, gramas e arbustos... uma visão dura de se aceitar, um futuro que me escapa aos dedos; e, por fim, lembro-me de minha mãe, que eu nunca conheci, antes também Madre e que, então, apaixonou-se por meu pai, o seu alvo de espionagem. Deles eu nascia e crescia e me tornava o líder da Chefatura, entrelaçado em políticas e jogos poderosos entre poderosos, claro, mas...

Ficava eu idoso, também, nessa memória – que nunca existiu –, e meu pai era um senhor respeitável e rabugento, ficava sentado na maioria do tempo; ao seu lado ficava a

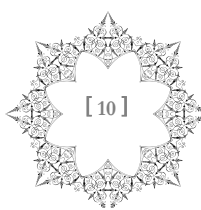
minha mãe, também com idade avançada, mas imponente e de ideias fortes, querendo a todo instante comandar ou arrumar alguma coisa desconectada.

As memórias do deserto de Maad eram as que nunca havia vivido. Os futuros que enxergava nas dunas eram impostoras ilusões. E ambas eram, para a minha pessoa, para meu íntimo, as que mais tocavam o pouco de humanidade que ainda restava ao invólucro de meu corpo. As paixões haviam passado. Morrido. Os futuros que ali enxergava eram em vão, inalcançáveis. Inexistentes. Sonhos. Porém, a sensação de tê-los tão próximo da realidade à mente era como se fossem reais; os sentidos os enxergavam como reais... meu ser os aceitava como reais...

Nada de *tronbellium* – ou da C.V.I.A. ou da C.V.E.G.A. Nada do Império do Universo Conhecido. Nada de Konungr-Máximo. Nada de minha família. Nada da Ordem de Harahr. Nada de Profeta, ou de Libertador. Nada do anel-portal. Nada das antigas máquinas e maquinários enferrujados. Nada de desconhecidos bichos de Scarros. Nada das novas e velhas Chefaturas – de Celtas, Tervíngios, Marcomanos, Queruscos, Vangiões, entre muitos outros. Nada que agora é real, na verdade, parece tão real, tão real quanto o que tocava nas areias de Maad...

E, então, por isso, enganava-me para saborear lentamente todas aquelas memórias do deserto, como se elas fossem, de fato, de minha pessoa... não um espectro já morto de um futuro sem brilho, inalcançável em todas as suas formas.

Se o futuro de todos nós, de toda Humanidade, de todo Universo Conhecido dependia, então, de alguém assim como eu era, de alguém na posição em que estava, e com todos os pesos das ações e da falta de ações aos ombros... o que seria, afinal, o futuro de todos nós?



APRESENTAMOS

RUMO AO MAR **POR FEITICEIRO D'ALEMAR** **(FLAVIO JOPPERT)**

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



“esta é de como o futuro depende do passado, das águas do mar viemos, (...)”

Gesta de Camelot – (IA)

Cantai, ó Mar sem fim, de abismos coroados;
Das pérolas de luz e escolhos encantados;
Que as naus de Camelot, por brumas conduzidas,
Buscavam, entre as ondas, as ilhas escondidas.
Ali cantava o sal com vozes de sereias,
Tecendo aos cavaleiros ilusões e teias;
Netuno erguia o trono em cúpulas de espuma,
Enquanto Merlin lia o fado em cada bruma.
Golfinhos, como arautos, rompiam o negrume,
E o luar ungia o mar com seu perpétuo lume;
Assim guardava o oceano, em mágica harmonia,
Os velhos dons do mar, da lenda e da magia.

Trova do Mar

Ao que ferir vejo

por venenos sangrar

qual gota de sangue doce.

“gosto amargo da dor”

Gesta do Oceano – (IA)

Cantai, ó Mar ferido, os séculos sombrios;
Já calam os tritões nos seus palácios frios.
As naus não buscam mais as ilhas encantadas,

Mas lançam sobre as águas as chagas derramadas.
Fugiram os mistérios das grutas abissais,
E as sereias ocultam seus cânticos mortais.
Netuno baixa o cetro ante o lodo e a fumaça,
Merlin perdeu na espuma o encanto que a enlaça.
O mar já não derrama o sal de sua origem,
Mas lágrimas amargas que os homens lhe dirigem.
Se morre o velho oceano, morremos em seu seio:
Quem mata o próprio mar sepulta o mundo inteiro.

Trova do Futuro

Suar feridas curadas.

Águas que te beijar,

beijo o gosto temperadas,

teus peixes saúde regalar.

CORDEL DO MAR

Abraço em beijos ser, minha amada,

na feliz arrebentação de vivo mar.

Jaz esperança tida como sonhada,

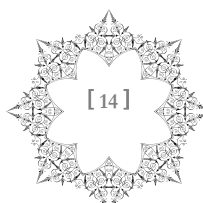
de uma premonição real por te amar.

O mundo futuro sal de tuas águas

está salvo, seguro de nau geladas;

de toda a guerra e hecatombe nuclear.

“um dia a vida cobra todo o lixo que lançamos ao mar, como galope a beira mar, fui moça, agora sou velho, vimos juntos porem a pique um navio nuclear, ainda tenho esperanças em te amar...”



APRESENTAMOS

DELÍRIOS DE UM BONDENAUTA NO "BALÃO DO BONDE" (SÃO CARLOS – SP)

POR MARCO ANTONIO LEITE BRANDÃO

Formado em Engenharia Elétrica pela EESC (Escola de Engenharia de São Carlos – USP) e em Turismo pela UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto). Seu último emprego foi na FPM (Fundação Pró-Memória de São Carlos), onde trabalhou de 2001 a 2013, como Coordenador da Unidade de Patrimônio e assessor da Presidência.

Entre seus últimos trabalhos publicados estão: Ufopianas (ou Ouro Preto dos meus uais e das repúblicas estudantis), Ouro Preto, MG, EDUFOP, 2023; e Almanaque de São Carlos (V) – Uma universidade para São Carlos, Mariana, MG, Editora Dom Veloso; edição do autor, 2024.



Que coisa... caro amigo
Evoca-me hoje tua presença
Aqui no “Balão do Bonde”

Num átimo... a lembrança
Daquele 15 de junho de 1962!
Ah! O Brasil em festa

Bicampeão mundial de futebol
Com Mané Garrincha... outro 7
Bailando como os do Bolshoi

E tu... dileto companheiro
Naquele dia derradeiro
Encerrando tua epopeia...

Após quase meio século
No sobe e desce de São Carlos
Repousando em ponto final!

Mas veja só... caro SETE
As nuvens de antigamente
Além de domínio de São Pedro

E também de Thor... e Tupã!
(Algo mais familiar... cara da gente
A nossa imagem e semelhança)

E o que se afigura atualmente
Em tempos do deus mercadoria
Que nos faz número dia a dia?

Nesse nicho do tal ciberespaço

De bits e bytes... e bytes e bits
Abro o Windows... pálido de espanto

Tudo bailando no céu em depósito
E não se trata de nuvem passageira
Ah! Tempos Modernos, ah! Chaplin

Ligaram a criatura na tomada
E então despertou Frankenstein
Contemporâneo de Faraday

Uai! Quase par a Ned Ludd
E hoje... tenho cá pra mim
Que, feito de zeros e uns,

Está circulando pela nuvem
Admirável novo Leviatã
Bem diferente de Dante

Tempos bicudos esses, hein!
Aliás... bicudíssimos! Tricudíssimos!
Que... homessa!... testemunhamos

O planeta que em 1945 emergiu
Depois da II Guerra Mundial
E parecia consolidado em 1991

Está em desintegração... entropia
E cá entre nós (ambos aposentados)
Confirmando que tudo cambia

Tsunamicamente... a olhos vistos
Nada há que permaneça estanque

Como agora percebem os yanques

Indícios de que... visivelmente

Vem vindo num crescendo

Como um bolero de Ravel

Que o apagão do Starlink

Pelas bandas do Rio Eufrates

Do tempo presente é digital

Eis aí a palavra-chave

Esse tal de “Estreito de Ormuz”

Que bit a bit nos conduz

A um apocalíptico prefácio

Em que nos vemos cada vez mais

Com o espectro de um precipício

Fáustica e dantescamemente

Sim! Sim! Caríssimo SETE

Pelas bandas da Ásia Ocidental

Onde bem antes de antigamente

Trafegavam tapetes persas voadores

Entre as nuvens da imaginação

No tempo das “mil e uma noites”

E agora drones e mais drones e tais

Que tais e mais a mais e mais...

Num crescendo de temporal

Nervo exposto... calcanhar de Aquiles

Em febre, o Ocidente indo pro beleléu

Sim! Sim! Ando deveras chocado
Com registro surpreendente
Que há pouco foi afirmado

Por um CEO das grandes... oh! SETE
Com certo pesar afirmou o infante
Que um drone de alguns “cents”

Pode atingir os calcanhares
De quaisquer desses “Data Centers”
Avaliados em bilhões de dólares

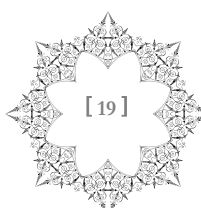
E novamente aqui... pela n-ésima vez!
Mas é que nesse deambular... o bater pé
Pela cidade... tal ímã... sempre faz sua arte

Atraindo-me ao “Balão do Bonde”
E... digo-te... caro amigo... ultimamente
Ao rever “O Evangelho Segundo Mateus”

Faca do raciocínio me corta fulminante
Como lâmina de samurai... cortante
Na tela, o fado... do bardo Pasolini

Que já julgava defasadas... superadas
As trincheiras de Brecht e Rossellini
Diante do “ovo da serpente” emergente

E então... cá com meus botões... atordoados
A sensação daquele horror anunciado
Instalando-se em nosso DNA... e tal



APRESENTAMOS

UM LOG NO VÁCUO DO TEMPO

POR ROBERTO SCHIMA

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado em concursos da Conexão Literatura — com a qual colabora desde o nº 37 —, Ed. Arame Farpado e Ed. Mhajulla. Colabora também com a revista LiteraLivre. Participou de quatrocentas e trinta e seis antologias. Escreveu: "Pequenas Portas do Eu", "Limbographia", "Era uma Vez um Outono", "A Voz do Oceano" etc. E-mail: schimaroberto@gmail.com



TRANSMISSÃO FÊNIX-25-LMG/0308:

Por que não ouvi Lúcio?

Ele me disse, alertou e até implorou; "Não vá!"

As estrelas me seduziram há tanto tempo quanto fizeram com ele.

Porém, na última chamada do foguete, ele não apareceu, arrependeu-se, acovardou-se!

Ficou para trás por causa de uma mulher... Idiota!

Jogou fora a oportunidade de uma vida inteira... Trouxa!

Ao menos, foi assim que eu esbravejei na noite do lançamento...

Eu não compreendi.

Fênix BM-40a.

A astronave que me conduziu ao infinito!

Estrelas, nebulosas, luas, cometas, planetas errantes, pulsares, quasares, buracos negros...

... Até sinais de rádio de fontes inexplicáveis....

... Quantas maravilhas!

Vir aqui valeu uma vida, não valeu?

Até minha esposa e meus filhos concordaram.

No entanto, aqui, agora, ponho-me a pensar no cintilar dos olhos deles. As cabeças disseram: "Sim", porém, os corações gritaram: "NÃO!"

Para eles, meus amigos, todo o povo da Terra de que adiantou? Nenhum benefício tiveram de minhas descobertas. Nada de meu deslumbramento, eu pude compartilhar. Abandonei quem mais eu amava à procura de um sonho. E, devido ao sono criogênico na nave, eles se desfizeram em pó há quinhentos anos no pesadelo do tempo e da realidade.

Parodiando uma legendária canção: "De que vale tudo isto se vocês não estão aqui?"

Oh, você estava certo, Lúcio! Sempre estive, velho amigo.

Mas agora, de seu corpo só restaram cinzas.

Nunca soube que me arrependi.

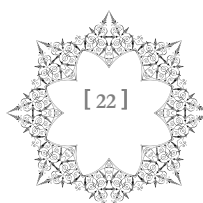
Agora sei o que perdi.

Futilidade.

Desepero.

Solidão.

TÉRMINO DA TRANSMISSÃO FÊNIX-25-LMG/0308



APRESENTAMOS

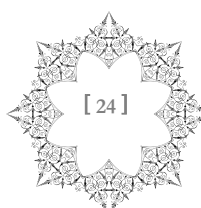
A DIREÇÃO DA VIDA **POR SELLMA LUANNY**

A autora publicou três livros de poesia e participou de duas antologias – em papel. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



É um propósito?...
intencional?... com
preparo, sem preparo...
com boas ou más
intenções... ou
absoluta neutralidade?

O caminhar para um
destino?... ou o destino
é o caminhar?...
Escolha ou chamada?
Para onde, importa?
Ou onde é só uma quimera?



APRESENTAMOS

PARA ONDE VAMOS? **POR SELMA LUANNY**

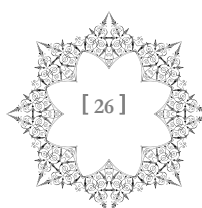
A autora publicou três livros de poesia e participou de duas antologias – em papel. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.



Imaginação não falta...
o amanhã aberto... Será hoje,
mas não... ainda... Do tempo
sabemos... e o passar, sentimos.

Mas, o Universo, de nós,
reconhecimento não tem.
Segue... rumo a um destino
desconhecido... para nós.

E juntos, seguimos... observadores
ativos... do maior... do vasto.
No nosso fantástico imaginário
(in)conscientes passageiros.



APRESENTAMOS

O 7º MILÊNIO

POR SHEILA SACKS

Jornalista formada pela PUC-RJ. Trabalhou em Assessoria de Comunicação Social no serviço público por 40 anos. É autora do blog "Viajantes do Tempo - Voyagers" com mais de 200 textos de pesquisa sobre fatos e notícias que impactam as sociedades.



Anoitece na região da Galileia. As sombras que se estendiam por sobre as colinas e vales se esvaecem no diáfano manto noturno. Ao longe, a silhueta do lago Tibériades permanece quase oculta, sem os pontos luminosos das embarcações. Do alto do monte Tabor, Jessé olha o horizonte, antes de retornar à secular construção que abriga a base central da Ordem da Rocha.

Escriba do Conselho dos Anciões, ele é o fiel depositário dos 71 sábios que decidem sobre as questões mais difíceis da Ordem, uma das organizações que protegem o planeta de ataques extraterrestres. À meia-noite, hora propícia para os espíritos superiores iluminarem as mentes dos mortais, um concílio irá definir as mudanças no dispositivo de acesso ao futuro, a grande conquista tecnológica dos novos tempos.

Oriundos da cidade espacial de Essênia, instalada no ano 2227 na superfície lunar, meses antes de um gigantesco meteorito atingir o planeta e vitimar milhões de pessoas, seus integrantes cumprem leis rígidas de respeito à natureza e professam a crença de que seres predestinados habitam a Terra.

Guardiões do segredo da imagem esculpida no pedaço de rocha espacial encontrada dois anos depois da catástrofe, a rosa de 13 pétalas foi recolhida no deserto bíblico dos antigos essênios e percebida como a mensagem direta de uma civilização avançada que se revelou cruel e impiedosa em um único ataque.

No mais absoluto sigilo, o primeiro contato com seus líderes somente se deu no limiar do 7º Milênio, segundo o calendário adotado pela Ordem, ano comum de 2240. Mas, para a humanidade, ainda em choque com a hecatombe, propagou-se a desinformação de que a terrível tragédia de 2227 foi um inédito e imprevisível cataclismo da natureza.

A poucas horas da reunião do Concílio, os sábios trocam suas túnicas brancas e vestem o uniforme azul celeste com a rosa de 13 pétalas estampada no peito. A frase “Como uma rosa entre os espinhos” circunda o símbolo.

Naquele ano de 2240, Dália se dirige ao abrigo após o alerta das sirenes. Dejetos radioativos ainda se embaraçam nas redes de proteção da atmosfera e os capacetes blindados nem sempre são eficientes.

Já em casa, ela comunica a decisão aos pais. — Vou ingressar na Ordem. Fiz os exames e estou apta.

Única filha, Dália percebe a tristeza dos pais diante da notícia. Desde menina recebe uma proteção que considera exagerada. — Muito amor, querida — dizia a mãe. — Medo de perder você — reforçava o pai. Linda, inteligente, generosa, “um achado da natureza”, brincava o professor de matemática. Já adolescente, encontrou uma maneira de conviver com os olhares apaixonados dos rapazes e a admiração das amigas.

Dália abraça os pais e pede perdão por sua escolha. — Acho que erramos ao permitir que você tivesse acesso ao futuro — lamenta o pai. — Não confie tanto assim nas imagens que viu — implora a mãe.

No topo da torre de apartamentos, o veículo espacial a aguarda. Depois de quase meio-século de resultados questionáveis, o que parecia ser uma façanha científica das mais incríveis – o acesso ao futuro – seria revisto e novas regras seriam traçadas para a humanidade.

Em segundos Dália é alçada para o interior da nave e, controlando o medo e a ansiedade, parte em direção ao desconhecido.

A madrugada ensaia um nascer do sol belo e inspirador. Os anciões do Concílio se mostram exaustos após horas de discussão. O projeto Clone terá Dália como peça fundamental e em tempos vindouros ela também será louvada com a chegada do Salvador.

A convocação do Concílio acende um ponto azul na enorme tela da nave. Dália recebe o aviso enquanto se prepara para mais uma rotina de serviço na sala de Controle. Há dez anos recebeu a missão de monitorar os elementos químicos que sustentam o habitat terrestre. Qualquer desequilíbrio das equações traria risco iminente à existência do planeta.

Jabor, seu chefe imediato, entra na sala e toca com os dedos a imagem da rosa de 13 pétalas que se acende à sua frente. — O drone está pronto — diz , acrescentando em seguida. — Dois guardas espaciais te acompanham.

— Sempre me desloquei sozinha — retruca, enquanto fixa o login na farda.

— Cumpro ordens — responde Jabor. Ele caminha em direção ao imenso hangar ao lado da subordinada. Dália conhece o protocolo das visitas à Terra. Jamais revelar a verdadeira identidade. Embora dessa vez sua identidade fosse conhecida por todo o Concílio.

O extenso corredor que liga o portão de entrada à sala do Concílio faz Dália suspeitar da natureza da viagem. Suas visitas ao planeta se concentram em ações exploratórias ligadas às prováveis catástrofes climáticas. Percorrer cavernas, desertos, florestas, rios e mares em seu drone super equipado. Do lado pessoal, falava regularmente com os pais pela plataforma de dimensões sêxtuplas que os tornavam quase presentes.

No salão oval encimado por uma abóboda de vitrais, os anciões ao redor da tábua em forma de ferradura a aguardam. Um telão se acende acima do grupo de anciões e a imagem de um homem de profundos olhos castanhos a surpreende.

— Bem-vinda Dália — saúda uma mulher centenária. — Vou apresentá-la a Haim, seu novo companheiro.

— Por que exatamente me chamaram?

— Há dez anos aceitamos sua entrada na Ordem porque precisávamos de tempo para direcionar o curso do mundo.

— Não entendo.

— Você rejeitou o futuro banal e sem sentido visto de uma perspectiva real. Mas, a maioria se perde, põe em dúvida o que vê, e os mais sensíveis acabam com a própria vida. Por isso estamos revendo os protocolos.

Dália fica em silêncio. Sente um calafrio repentino. Mas, logo se recompõe.

— Estou bem. Gosto do que faço — afirma.

— Cumprir a profecia é a missão — enfatiza um dos anciões. Esse é o caminho!

A pequena comunidade em meio ao deserto essênio era chamada de New Hippies pelos habitantes das redondezas. O nome fazia alusão a um movimento que existiu em um

ponto do passado que pregava a paz universal. Dália pastoreava as ovelhas como todas as manhãs, do lado externo da cidade murada às margens do Mar Morto.

Esperava o sétimo filho que nasceria nas festividades do ano novo. O esposo Haim estudava as escrituras ao lado dos filhos e discípulos. As centenas de livros sagrados que ocupavam as estantes da biblioteca foram trazidas das catacumbas da velha Jerusalém, em uma caminhada árida.

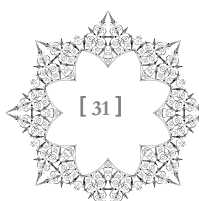
Trinta anos haviam se passado desde a convocação do Concílio. Na caverna sob o templo, a rosa de 13 pétalas se mantinha como símbolo do pacto entre o planeta e a civilização alienígena. O primogênito Zain era o interlocutor do povo da Terra. O Salvador oculto da profecia. Seus atributos especiais foram postos à prova muitas vezes em impasses que pareciam insolúveis. Mas o caminho para a salvação da humanidade ainda permanecia aberto. O degelo antártico estava sob controle, assim como os níveis dos mares e rios.

— Eles concordaram em reduzir a secagem de nosso potencial de água – informa Zain ao Concílio.

— E nossa equipe continua corrigindo as falhas do protótipo de aceleração das chuvas — diz o supervisor-chefe, presente ao encontro.

Gênio da ciência, Lúria comandou o projeto do clone humano que vive na colônia essênia. — Meu apreço a Haim — cumprimenta Lúria, percebendo a semelhança de Zain com o pai. A potencialização dos atributos genéticos para a primeira concepção de Dália foi uma garantia dada ao Concílio.

— Acredito que teremos um longo período de paz – anuncia Zain, ao se despedir do Concílio após a apresentação do relatório. O dia tinha sido proveitoso, mas árduo nas negociações. Apesar de suas condições sobre-humanas nos aspectos físico, mental e emocional, Zain se sentiu cansado. “Preciso dormir, simplesmente dormir”, diz pra si mesmo, deitado no estrado de madeira em seu quarto ascético. Cerra os olhos lentamente e uma lua cheia se desloca como um foguete pela imensidão do céu para velar a noite do Salvador.





CONHEÇA OUTROS

TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO

CONEXÃO LITERATURA

// LITERATURA QUE
CONECTA, **EMOCIONA**
E **TRANSFORMA!**



TENHA ACESSO
AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO:

CLIQUE AQUI!



HISTÓRIAS QUE
INSPIRAM



EMOÇÕES QUE
CONECTAM



PALAVRAS QUE
TRANSFORMAM



AUTORES QUE
ENCANTAM

FIQUE POR DENTRO DO
MUNDO DOS LIVROS!



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



CURTA: FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA



SIGA: INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA



INSCREVA-SE:
YOUTUBE.COM/CONEXAONERD



E-MAIL:
ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG



**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS.
LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO.**

CLIQUE AQUI!